

**ESTUDOS DIALETAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: O CAIPIRA.** Murilo Gaspar Pascuotte. Marymarcia Guedes. Humanas. Letras. Departamento de Lingüística. Faculdade de Ciências e Letras. Campus de Araraquara.

Tomar, como objeto de estudo, a cultura caipira do ponto de vista lingüístico é pensar na formação do Português Popular Brasileiro (PPB) que é na atualidade um tema bastante discutido devido a hipóteses a respeito da existência ou não de duas “línguas”: o Português brasileiro (PB) e o europeu (PE).

O nosso trabalho de Iniciação Científica está dividido em duas etapas. Na primeira realizamos a leitura e apreciação dos estudos sobre as questões relativas ao PB e para tanto lançamos mão dos trabalhos que consideram o PB um crioulo por um lado e aqueles que advogam contra essa posição. Na segunda, o caipira e sua caracterização lingüística em jornais brasileiros dos séculos XIX e XX embasados na ideologia presente no texto e nas discussões sociolingüísticas aqui apresentadas.

Uma vertente, como já dissemos, considera que o PB é um substrato crioulo. Algumas estruturas lingüísticas presentes, no PB, são consideradas para essa afirmativa, a saber: apagamento do -s final (pois vá lá ['puy 'va 'la]; depois disso [de'poy'diso]), não-concordância no SN (As casaØ verdeØ) e no SV (Nóis vaiØ, nós bebeØ), por exemplo. Essas estruturas justificariam para determinar as diferenças encontradas entre o PB e o PE.

São defensores da proposta, pesquisadores como Guy (1981) e Baxter e Lucchesi (1997).

Para Guy, por exemplo, o que ocorre de acordo com a teoria dos contatos lingüísticos é que as línguas passam por um processo de pidginização e depois tornam-se um crioulo. Para ele o PPB originou-se de massas africanas que em contato com a massa européia portuguesa provocaram a criouliização.

Para Baxter e Lucchesi (1997) línguas e dialetos falados hoje no mundo, e em particular em regiões restritas, situações de isolamento constituem testemunhos do processo de constituição histórica das línguas faladas na América e permite a compreensão da realidade do PB atual. Para eles, as comunidades afro-brasileiras apresentam indícios sobre a relevância dos processos de contato entre línguas na formação do PB e caracterizam da realidade lingüística brasileira da maioria da população cujos antepassados vivenciaram a situação de escravidão.

Contrários à hipótese crioulistica estão pesquisadores Tarallo (1993) e Naro e Scherre (1993).

Para Tarallo (1993) a hipótese crioulistica, para o PB, apresentada por vários outros sociolingüistas não se sustenta se considerarmos que:

1<sup>o</sup>. O PB deveria ser descrito como uma língua do tipo misto: compartilha propriedades com línguas não aparentadas (crioulas ou não) e se distancia do PE em seu superestrato;

2<sup>o</sup>. Crioula ou não, o PB apresenta estruturas sintáticas interessantes que contrariam a hipótese de descrioulização apontada por sociolingüistas como Guy, por exemplo. Guy faz um levantamento da história social do Brasil, comparando-a com outros países onde o crioulo se desenvolveu, chegando à conclusão de que o PB não evoluiu naturalmente, mas através do processo a que chama de criouliização, ou seja, da mistura do léxico africano com a gramática portuguesa. Para Tarallo, a hipótese de Guy carece de fundamentos históricos;

3<sup>o</sup>. Do ponto de vista da história social ocorreu uma evolução natural do PB popular e não houve a criouliização do PPB.

Tarallo conclui em seu estudo que a presença da tradição literária portuguesa no Brasil somada à regidez da língua escrita padrão têm mantido o Pb e o PE muito próximos, mas as gramáticas faladas tomaram rumos diferentes.

Já Naro e Scherre (1993) apresentam dentre outros, os seguintes argumentos para não se considerar o PPB e conseqüentemente o PB como um crioulo:

1<sup>o</sup>. o PE antes da colonização do Brasil já possuía uma deriva secular e aqui essa deriva encontrou outras forças que ora voltava-se para o PE ora não;

2<sup>o</sup>. o processo de aprendizagem, do português no Br., não foi documentado suficientemente para se falar em criouliização;

3<sup>o</sup>. se existiu uma verdadeira língua crioula, de léxico português e gramática africana ela logo evaporou sem ser documentada.

Assumimos as propostas da vertente sociolinguística que considera o PB uma língua não-crioula porque:

- Em primeiro lugar considerando-se a composição da população brasileira, observa-se que em sua origem, a maioria era composta por indígenas e africanos que para cá vieram como escravos. Ambos foram obrigados a aprender a língua dos colonizadores, o que aconteceu de forma oral e provavelmente irregular;

- Além disso, não há registros das variantes do PE que os colonizadores utilizavam e muito menos se a(s) variante(s) eram a padrão de seu recanto de origem. Nem todos os colonos que para cá vieram eram letrados, por exemplo;

- Embora dialetologia portuguesa, atualmente, seja reticente em aceitar, como apontam Naro e Scherre (2000), que fenômenos como os acima apresentados (apagamento do -s final, não-concordância no SN e no SV, por exemplo) sejam ocorrentes também em Portugal, observa-se no pouco material disponível que eles existem: “as quenguerelas só presta para pescar (Naro e Scherre 2000)”, “O que a senhora chama de dourada é as choupas. (Câmara de Lobos, Madeira. CORDIAL-SIN, CLC 21)”. A exceção aceita por Portugal diz respeito apenas a variação no uso das desinências verbais na 3<sup>a</sup> ps e 1<sup>a</sup> pp junto à palavra *gente* (o que ocorre em Portugal e no Brasil). Em Portugal registra-se: “Leis! Como a gente se falamos ainda agora. (Câmara de Lobos, Madeira. CORDIAL-SIN, CLC 02)”, “A gente via-se elas [as baleias] longe, era o esparto. (Canical, Madeira. CORDIAL-SIN, CLC 32).

A segunda parte desse projeto volta-se para o caipira, mais especificamente volta-se para o estado de São Paulo tendo em vista que é aqui que os caipiras são reconhecidos como tal.

Para se compreender o porquê dessa marca ideológica aos paulistas é preciso fazer um passeio pela história de São Paulo, a capitania mais pobre nos idos da colonização te o século XIX.

Como poderemos observar a seguir um dos fatores que pode ter influenciado o aparecimento do caipira em território paulista é o fato de que aqui o trabalho na e da terra ser o elemento primordial. Segundo Pupo (1983) com o esgotamento das minas de ouro, a partir de 1770, observa-se um refluxo migratório para o interior paulista. Ali os solos ricos, especialmente em terras roxas, servem de base a uma lavoura canavieira de grande porte. É importante ressaltar que a introdução do açúcar no território paulista fazia parte de um plano estratégico da Coroa Portuguesa, então comandada pelo poderoso Marquês de Pombal. Tratava-se de alterar a fisionomia de uma das capitanias mais pobres existentes, de garantir a defesa do sul contra os espanhóis e de fixar o homem à terra. O açúcar, em território paulista, mantém-se como o principal produto de exportação até a segunda metade do século XIX, quando é superado pelo café.

São Paulo, antes de povoar sua capital, povou seu interior, como podemos observar no quadro Godoy (1978) para o ano de 1850, quando a população total da Província era de 1.011.479 habitantes:

#### **População Livre**

Litoral = 73.061

Vales do Tietê, Pardo, Grande, Mogi-Guaçu e Paranapanema = 525.147

Vale do Paraíba = 241.652

#### **População Escrava**

Litoral = 7.724

Vales do Tietê, Pardo, Grande, Mogi-Guaçu e Paranapanema = 117.182

Vale do Paraíba = 46.713

Uma descrição preliminar permite mostrar aqui o que encontramos em alguns dos periódicos analisados. O primeiro, reproduz um texto intitulado “Perfiz Paulistas” em que mostra o preconceito já em 1870 ao caipira: [Quando aparece na cidade, é no rigor da moda, mas com pouco gosto....Falla muito alto, com modo dominador,...]. *Gazeta de Campinas*, 11/09/ 1870. O segundo refere-se às estruturas lingüísticas propriamente ditas: [...p’ra mim manda a indireção] – uso do mim em lugar de eu. O *Alfinete* 22/12/1918, por exemplo.

#### **Referências bibliográficas:**

ALFINETE, O. Carta de um caipira. São Paulo: 1918.

BAXTER, N. A. & LUCCHESI, D. A relevância dos processos de pidginização e criouliização na formação da língua portuguesa no Brasil, in *Revista Estudos Lingüísticos e Literários, da PG em Letras e Lingüística da UFBA*. n. 19. Periódicos: março. Salvador: 1997: 65-84.

CORDIAL-SIN: *Corpus Dialectal com Anotação Sintáctica*.

[http://www.clul.ul.pt/sectores/cordialsin/projecto\\_cordialsin.html](http://www.clul.ul.pt/sectores/cordialsin/projecto_cordialsin.html)

GAZETA DE CAMPINAS, A. Perfis Paulistas: o caipira. Campinas, 1870.

GODOY, J. F. A província de São Paulo: trabalho estatístico, histórico e noticioso. Governo do Estado. Coleção Paulística - edição fac-similada. São Paulo.1978.

GUY, G.R. Linguistic Variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history. Dissertation in Linguistics. Pennsylvania: University of Pennsylvania. 1981. mimeo.

NARO, AJ. e SCHERRE, MMP. Sobre as origens do português popular do Brasil, in *Revista D.E.L.T.A.*, n.9: volume especial. Ed. PUCSP. São Paulo, 1993: 437-454.

NARO, A. J., SCHERRE, M. M. P. Variable concord in Portuguese: the Situation in Brazil and Portugal. IN: McWHORTER, J. (org.) **Language Change and Language Contact in Pidgins and Creoles**. Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins, 2000.

PUPO, C. M. M. **Campinas município do Império: fundação e constituição, usos familiares, a morada, a sesmaria, engenhos e fazendas**. Imprensa Oficial do Estado. São Paulo.1983.

TARALLO, F. Sobre a alegada origem crioula do Português Brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias, in Roberts, I. and Kato, M. (orgs.) **Português Brasileiro. Uma viagem diacrônica**. Ed. da UNICAMP. Campinas, 1993: 11-61.

**Bolsa: PET**